

---

## “Morando nas alturas...” apartamentos caxienses nas décadas de 1940 a 1970

Ana Elisia da Costa\*  
Andréa Arenhardt\*\*

---

**Resumo:** O habitat moderno pode ser caracterizado por alguns valores que começaram a ser construídos no fim do século XVIII e no início do século XX: “privacidade”, “santuário doméstico”, “casa – máquina de morar” e “espaço sanitário”. (CORREA, 2004). Nesse universo do morar, o apartamento merece especial atenção, pois exigiu dos usuários significativas mudanças de comportamento em relação ao modo de viver estabelecido nas *casas isoladas*. Além disso, simbolicamente, a verticalização representou o poder do *homem moderno*, passando o apartamento a dar um certo *status* aos seus proprietários. A partir dessa abordagem, o presente artigo objetiva analisar como o apartamento caxiense incorporou e passou a expressar tais valores, tentando corresponder aos novos cânones da modernidade internacional. A discussão envolve os edifícios *art déco* construídos em Caxias do Sul, nas décadas de 1940 e 50, e

**Abstract:** The modern habitat can be characterized by values which started to be built in the end of the XVIII century and in the beginning of the XX century: “privacy, domestic sanctuary, living machine house and sanitary space”. (CORREA, 2004). On this universe of living, the apartment deserves special attention, because it required from the users meaning changes in concern to the way of living determinate in the *alone houses*. Symbolically, the upright represented the power of the *modern man*, passing the apartment to give some status to its owner. Based on this approach, the current paper aims at analyzing how the caxiense apartment incorporated and passed to express these values, trying to correspond to the new canons of the international modernity. The discussion begins with the art deco buildings of the 40’s and 50’s, and close with the modern buildings from the 50’s to the 70’s.

---

\* Arquiteta, Mestre e Doutoranda pelo Propar-UFRGS. Professora e pesquisadora na Universidade de Caxias do Sul, onde coordena a pesquisa “Modernidade e Cultura de Morar na Serra gaúcha”. *E-mail:* ana\_elisia\_costa@hotmail.com

\*\* Arquiteta e participa como colaboradora na pesquisa “Modernidade e Cultura de Morar na Serra gaúcha”, desenvolvida na Universidade de Caxias do Sul. *E-mail:* deia.arquitetura@hotmail.com

se encerra com os edifícios modernistas erguidos entre as décadas de 1950 e 70.

**Palavras-chave:** Modernidade. Apartamento. Modo de morar. **Keywords:** Modernity. Apartment. Way of living.

---

### Introdução

O apartamento, neste trabalho, vincula-se ao conceito de *casa*, de *lar*. É entendido mais do que um simples registro da arquitetura, também como um objeto privilegiado para a investigação dos modos de viver, capaz de traduzir a cultura de uma época e a trajetória do homem ao longo do tempo. Como afirmam os pesquisadores da casa brasileira Veríssimo e Bittar, “a casa é o reduto da família e, portanto, seu próprio espelho, refletindo, também, numa maneira mais abrangente, a sociedade da qual essa mesma família faz parte.” (1999, p. 21).

Nela, as inovações decorrem não só de necessidades funcionais, mas também da busca por novos referenciais estéticos. Assim como na moda, quando as mulheres, contemplando revistas e comportamentos alheios, encurtam seus vestidos e alteram seus acessórios, a casa vai incorporando novos valores estéticos. Ali, estão evidentes a gradativa abdicação da memória da “casa da infância”, a hibridização entre a *casa da infância* e a *casa do presente*, a aceitação resignada ou eufórica da *casa do futuro*. É onde estão concretizadas as vontades de se exprimir de acordo com seu tempo e com a *moda*. Como afirma Prodi, ao analisar a casa na modernidade, refere que

a casa é como o vestido ou o aspecto do vulto dos corpos; uma roupa, um modo de viver, de se exprimir de modo prático, mais do que um modo de arte, de se exprimir poético. Neste sentido, a defesa da arquitetura moderna é uma questão de costume, e os seus argumentos nascem de uma necessidade de coerência, de um desejo de ser a si mesmo. (1996, p. 10).

Por outro lado, por estar associada a necessidades primárias – comer, dormir, lavar-se..., as transformações nesses espaços são feitas de modo mais lento, processual. Aos poucos são incorporados novos móveis e eletrodomésticos, ampliados ou diminuídos ambientes e revistas as relações entre os mesmos. Ora como causa, ora como consequência, são mudados os

hábitos das famílias, os códigos de convivência, as relações de privacidade e hierarquia entre seus membros.

Contudo, nesse processo de transformação da casa, a primeira metade do século XX tem significativo valor, por se constituir quase como uma ruptura no modo de viver doméstico. Na Europa, o fenômeno decorre da necessidade de atender às grandes demandas habitacionais após as duas Grandes Guerras. Essa demanda emergencial forçou arquitetos a pensar na racionalização das construções dos espaços de morar. Tomando como partido um *homem padrão*, são repensados os ambientes necessários a uma casa – número de quartos, banheiro, sala, cozinha... É discutida a compactação de seus ambientes, conduzindo ao conceito de *habitação mínima*. As circulações são otimizadas, conduzindo aos ambientes organizados em setores: íntimo, social e de serviço, e, por vezes, os ambientes começam a se integrar. Cuidados são tomados para garantir iluminação e ventilação de todos os ambientes. Agrega-se a esse contexto a inserção do conceito de *habitação vertical*, em que os valores de propriedade privada e convivência social passaram a ser relativizados.

Para sobreviver na nova “máquina de morar”, foram exigidas profundas transformações comportamentais do homem moderno. O hábito de morar era visto como uma questão de costume a ser revisado e alterado. Fala-se em educação doméstica e, conseqüentemente, em educação para os novos valores estéticos. Naturalmente, é um contexto em que inovação e tradição encontram espaços de resistência e aceitação.

Assim, a *casa* na modernidade, como território complexo de transformações e permanências arquitetônicas e culturais, torna-se um privilegiado objeto de investigação interdisciplinar. A relevância de seu estudo é principalmente de ordem histórica e antropológica, pois, no âmbito brasileiro, existe uma quantidade enorme de edifícios residenciais modernistas ainda não-estudados nem do ponto de vista arquitetônico nem do ponto de vista cultural. Muitas vezes, compõem aquilo que Segawa (1997) chama “modernidade pragmática”, uma modernidade difusa, uma vontade de expressar idéias *novas*, um estilo novo e não, necessariamente, uma doutrina. Contudo, isso não significa obviamente que represente uma modernidade menor, mas uma modernidade transitória.

Da necessidade de investigação desse universo, os Departamentos de Arquitetura e Urbanismo e de História da Universidade de Caxias do Sul (UCS) desenvolvem, desde 2006, o projeto de pesquisa “Modernidade e

Cultura de Morar na Serra gaúcha”. Dentre seus questionamentos, destacam-se: É possível falar de uma cultura moderna no contexto da Serra gaúcha? Houve uma aceitação dos novos paradigmas de morar ou uma hibridização entre os valores da modernidade e o da tradicional casa da imigração italiana? Uma possível *hibridização* poderia caracterizar as especificidades da cultura moderna de morar na Serra gaúcha?

No contexto dessas discussões, são apresentados, nesse artigo os estudos desenvolvidos sobre os apartamentos caxienses produzidos entre as décadas de 1940 a 1970. Para tanto, contou-se com o valioso apoio dos trabalhos de iniciação científica de Arenhardt (2006) e Stumpf (2007), desenvolvidos no curso de Arquitetura e Urbanismo da UCS. No total, foram analisados 21 edifícios e 51 apartamentos. Considera-se que essa é uma amostragem quantitativamente suficiente para generalizar e caracterizar a produção arquitetônica do período.

### Da estratégia de abordagem

Esta análise será desenvolvida a partir de algumas *categorias* que, segundo Correa (2004), expressam valores do *habitat moderno*: privacidade,<sup>1</sup> “santuário doméstico”, “casa – máquina de morar” e “espaço sanitário”.

O conceito de privacidade é abrangente e envolve tanto a privacidade de cada indivíduo dentro da casa, como a privacidade dos habitantes da casa em relação à cidade. Decorrem daí cuidados, como: recuos da edificação em relação à rua; setorização da casa entre *setor social*, *setor de serviço* e *setor íntimo*, com autonomia dos mesmos entre si; acessos diferenciados para os setores social e de serviço e um arranjo do setor íntimo que o distancie da rua e que privilegie a oferta de quartos individuais a cada membro.

O conceito santuário doméstico remete à casa um significado de *lar*, de *refúgio*. O conceito está baseado na Teoria do Meio Formador, em voga no século XIX, em que a cidade era vista como um meio corruptor, de perversão dos costumes e difusão de doenças, devendo a casa ser o *meio corretor*. Surge daí, a vontade de tornar os espaços salubres e agradáveis, promovendo a harmonia e o convívio dos membros familiares e o retorno dos homens para seus lares. Normalmente, esse desejo se materializa na proposta de amplas e iluminadas salas, muitas vezes, conjugando a sala de estar com a de jantar.

O conceito máquina de morar, desenvolvido pelo arquiteto francês Le Corbusier, articula três preocupações básicas: garantir a reposição de energias para o trabalho; economizar na construção; promover a economia de tempo. Decorrem daí preocupações com zoneamento eficiente, circulações compactas, composição do programa de necessidades e dimensionamento dos ambientes, principalmente, cozinhas e banheiros. Nesse contexto, evidenciam-se a preocupação com o mobiliário de apoio, sendo previsto em ambientes estratégicos para diminuir o trabalho doméstico.

O conceito da casa como espaço sanitário articula-se, principalmente, com a preocupação em promover a ventilação e a iluminação dos ambientes, mas também se relaciona com as preocupações em evitar a promiscuidade dos moradores; com a necessidade de evitar a umidade nas construções; e, ainda, com a promoção da saúde e do culto ao corpo, através da oferta de banheiros.

#### **“Morando nas alturas”: a origem do fenômeno**

O fenômeno da verticalização no Brasil, especialmente o surgimento dos edifícios residenciais, vincula-se ao aumento da densidade demográfica nos centros urbanos, ocorrido nas primeiras décadas do século XX. Autores como Lemos (1996) e Veríssimo e Bittar (1999) discutem a sua incorporação gradativa na cultura brasileira e a sua popularização, ocorrida principalmente na década de 1940.

Inicialmente, os edifícios de apartamentos foram concebidos de maneira tradicional, com a mesma idéia organizadora das casas: “Os primeiros edifícios de apartamentos tiveram suas plantas norteadas pela idéia de empilhar, em um mesmo terreno, várias casas, todas iguais entre si”. (LEMOS, 1996, p. 79). Foi somente nos anos 20 que os edifícios de apartamentos incorporaram “um novo modo de morar”, porém, segundo Veríssimo e Bittar (1999), causaram uma rejeição inicial. Primeiramente, foi uma classe mais abastada que ocupou esse tipo de moradia, sendo gradativamente aceita pela camada mais desfavorecida da população. Finalmente, nos anos 40, o edifício de apartamentos se popularizou, abrigando tanto a classe média, quanto a classe baixa da população.

Em Caxias do Sul, também na década de 40, se registra um aumento na altura dos edifícios, configurando, em sua maioria, edifícios de dois a quatro andares, em estilo *art déco* (figuras 1 a 10). Porém, foi

na década de 50 que ocorreu uma crescente verticalização do seu centro urbano, já com edifícios com uma linguagem de referência moderna (figuras 11 a 21), o que acabou provocando um forte adensamento construtivo. (MACHADO, 2001).

### Apartamentos caxienses: um olhar mais atento...



**Figura 1:** Ed. Zugno – 1947  
*Fonte:* Enio Stumpf, 2007.



**Figura 2:** Ed. Bolzani  
*Fonte:* Enio Stumpf, 2007.



**Figura 3:** Ed. Luisinha  
*Fonte:* Enio Stumpf, 2007.



**Figura 4:** Ed. Bereta – 1940  
*Fonte:* Enio Stumpf, 2007.



**Figura 5:** Ed. Pompéia  
*Fonte:* Enio Stumpf, 2007.



**Figura 6:** Ed. Mary – 1950  
*Fonte:* Enio Stumpf, 2007.



**Figura 7:** Ed. Itália  
*Fonte:* Enio Stumpf, 2007.



**Figura 8:** Ed. Caprara – 1953  
*Fonte:* Enio Stumpf, 2007.



**Figura 9:** Ed. Caberlon  
*Fonte:* Enio Stumpf, 2007.



**Figura 10:** Edifício Vaccari  
*Fonte:* Enio Stumpf, 2007.



**Figura 11:** Ed. Auto João Muratore – 1957  
*Fonte:* Andréa Arenhardt, 2006.



**Figura 12:** Ed. Venezia  
*Fonte:* Andréa Arenhardt, 2006.



**Figura 13:** Ed. Paraiso – 1958  
*Fonte:* Andréa Arenhardt, 2006.



**Figura 14:** Ed. Ettore Lazzarotto – 1960  
*Fonte:* Andréa Arenhardt, 2006.



**Figura 15:** Ed. Dona Ercília – 1961  
*Fonte:* Andréa Arenhardt, 2006.



**Figura 16:** Ed. Medianeira – 1961  
*Fonte:* Andréa Arenhardt, 2006.



**Figura 17:** Ed. Avenida – 1967  
*Fonte:* Andréa Arenhardt, 2006.



**Figura 18:** Ed. Jotacê – 1967  
*Fonte:* Andréa Arenhardt, 2006.



**Figura 19:** Ed. Parque do Sol – 1967  
*Fonte:* Andréa Arenhardt, 2006.



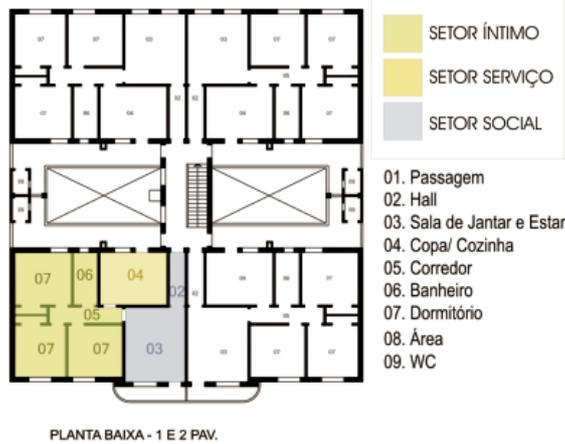
Figura 20: Ed. Solaris – 1968  
Fonte: Andréa Arenhardt, 2006.



Figura 21: Ed. APLUB Caxias – 1970  
Fonte: Andréa Arenhardt, 2006.

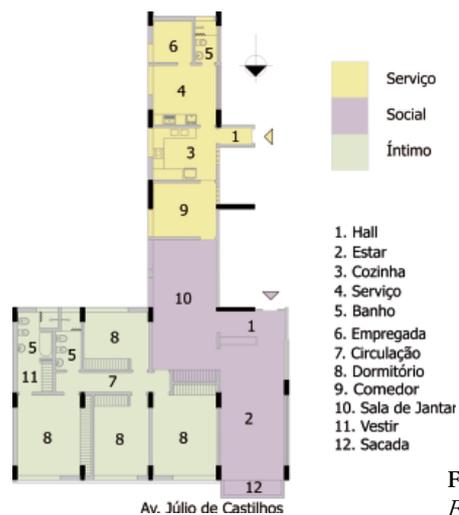
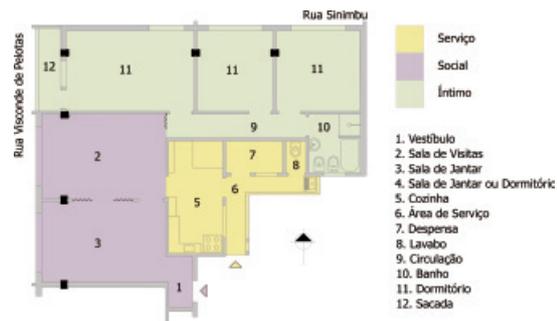
### Privacidade

Com relação à promoção da *privacidade*, merece registro o fato de que a maioria dos apartamentos, desde a origem, já apresenta uma clara *setorização*, isolando o setor íntimo dos demais ambientes da casa, o que vem ao encontro da afirmação de Lemos (1996, p. 71-72), ao analisar o caso brasileiro: “Em todas essas novas moradas há o isolamento do local de dormir”. Longe de olhares indevidos, a solução garante a privacidade dos moradores em atividades como higiene pessoal, sexo, troca de roupa e sono. Ilustram essa afirmação os edifícios Luisinha (sem data), Avenida (1967) e APLUB Caxias (1970), como observado nas figuras 22, 23 e 24, respectivamente:



**Figura 22:** Planta setORIZADA do Ed. Luisinha  
*Fonte:* Enio Stumpf, 2007.

**Figura 23:** Planta setORIZADA do Ed. Veneza  
*Fonte:* Andréa Arenhardt, 2006.



**Figura 24:** Planta setORIZADA do Ed. Jotacê  
*Fonte:* Andréa Arenhardt, 2006.

No setor íntimo, na maioria dos casos, registram-se *três quartos*. Essa característica, associada à área dos dormitórios, entre 12 e 20 m<sup>2</sup>, pode evidenciar uma tentativa de promover a privacidade individual dentro da vida familiar, ou seja, a vontade de designar um quarto para cada pessoa ou uma divisão por gêneros (casal, meninos e meninas). No entanto, por não se conhecer o perfil dessas famílias, é difícil afirmar o grau de privacidade promovido.

A *presença de suíte* também é uma novidade que pode caracterizar a intenção de promover privacidade ao casal, conforme afirmam Veríssimo e Bittar (1999). No caso dos edifícios das décadas de 40 e 50 analisados (em estilo *art déco*), observa-se que nenhum dos exemplares apresenta essa solução. (STUMPF, 2007). Nas décadas de 1950 a 70, já se registra a ocorrência desses (figuras 25 e 26), mas em números pouco expressivos – 19%. (ARENHARDT, 2006).

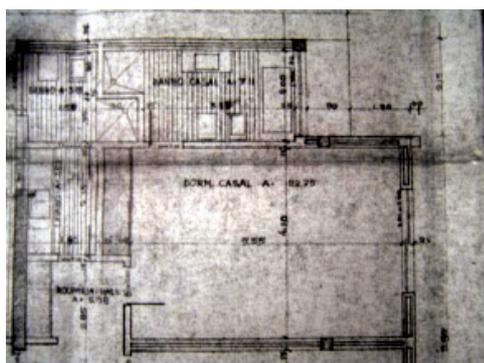


Figura 25: Suíte do Ed. Solaris  
Fonte: Andréa Arenhardt, 2006.

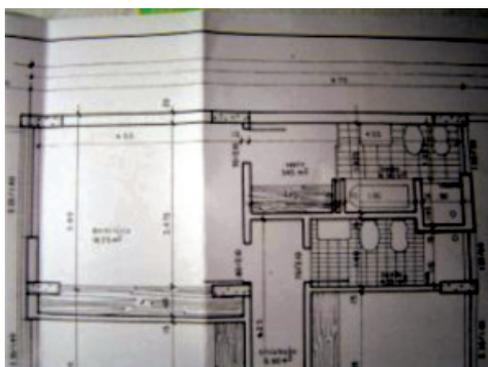


Figura 26: Suíte do Ed. Jotacê  
Fonte: Andréa Arenhardt, 2006.

A ocorrência do *lavabo*, associado à oferta de um *banheiro exclusivo para o setor íntimo*, também é uma solução que proporciona uma maior privacidade aos moradores. Contudo, nos apartamentos *art déco*, o único banheiro oferecido vai permanecer próximo da cozinha e da área de serviço, concentrando as instalações hidráulicas.<sup>2</sup> Somente a partir da década de 60, é registrada a ocorrência de um banheiro exclusivo para o setor íntimo, existindo, às vezes, pequenos banhos de serviço.

A disposição do setor íntimo em relação à rua (figuras 27 e 28) também é um indicativo de promoção da privacidade familiar, uma vez que ameniza ou enfatiza a relação público/privado. Na maioria dos casos, o setor íntimo está junto à rua, prevalecendo ainda o desejo de o quarto do casal voltar-se para o espaço público, onde o pai faz a *guarda* ou revela sua hierarquia dentro do núcleo familiar, mesmo que em detrimento da privacidade do casal. Ilustra essa afirmativa o fato de que 100% dos edifícios *art déco* têm essa característica. (STUMPF, 2007). Ao longo das décadas de 1950 a 70, o quadro sofreu poucas modificações, correspondendo ainda a 78% dos casos estudados. (ARENHARDT, 2006).

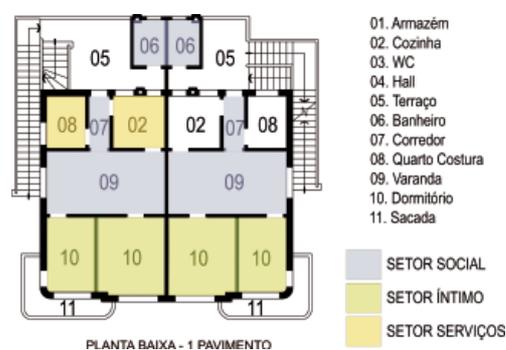


Figura 27: Planta Baixa do Ed. Itália, indicando a localização dos quartos em relação à rua (localizada em frente das sacadas)  
Fonte: Enio Stumpf, 2007.

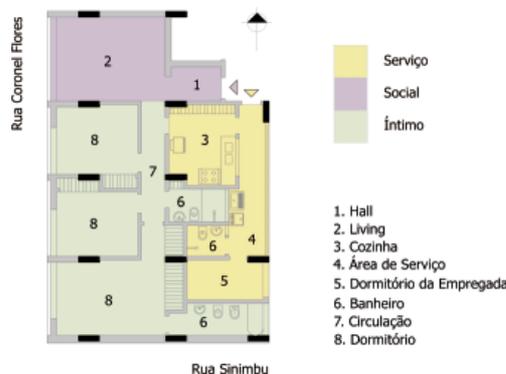


Fig. 28: Planta Baixa do Ed. APLUB Caxias, indicando a localização dos quartos em relação à rua  
Fonte: Andréa Arenhardt, 2008.

Deve-se observar, ainda, que soluções recorrentes no Brasil que promovem a privacidade dos patrões em relação aos empregados, como a *definição de acessos diferenciados para os setores social e de serviços*, também vão ocorrer nos edifícios analisados, cuja solução foi sendo incorporada gradativamente. Registra-se que 49% dos casos *art déco* (figuras 29 e 30) apresentam acesso apenas pelo setor social (STUMPF, 2007), o que depois, nos edifícios modernistas (figuras 31 e 32), passa a ser solução corrente. (ARENHARDT, 2006).

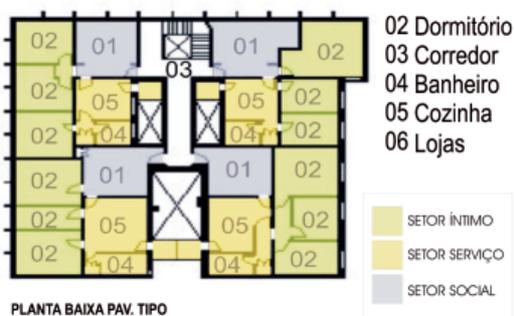


Figura 29: Planta Baixa do Ed. Pompéia, indicando os acessos  
Fonte: Enio Stumpf, 2007.

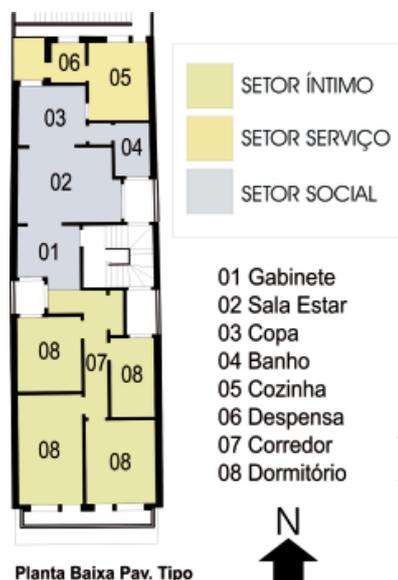


Figura 30: Planta Baixa do Ed. Vaccari, indicando os acessos  
Fonte: Enio Stumpf, 2007.

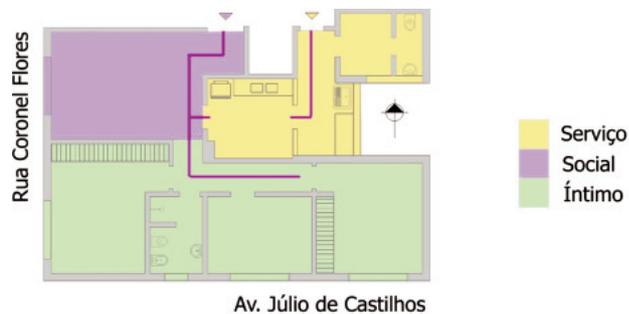


Figura 31: Planta Baixa do Ed. Avenida indicando os acessos  
 Fonte: Andréa Arenhardt, 2006.

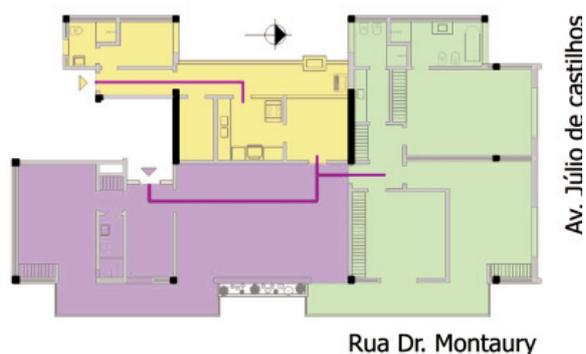


Fig. 32: Planta Baixa do Ed. Solaris, indicando os acessos  
 Fonte: Andréa Arenhardt, 2006.

### Santuário doméstico

Conceitualmente, a casa como *santuário doméstico* materializa-se através da oferta de espaços que promovam a vida familiar, a dimensão de lar. Daí a ocorrência de grandes *living rooms* (ZIVI, 2002, p. 123), estando *integrados estar e jantar ou estar e cozinha*. Em Caxias do Sul, somente a partir da década de 50, é que o setor social apresenta-se como um amplo e integrado ambiente, contribuindo para o convívio familiar. Observa-se que possuem ambientes integrados somente em 13% dos apartamentos *art déco* em Caxias do Sul, nas décadas de 40 e 50. (STUMPE, 2007) (figuras 33 e 34). Quadro esse que se altera nos apartamentos modernistas das décadas de 50 a 70 (figuras 35 e 36), haja vista que 75% dos apartamentos possuem ambientes integrados. (ARENHARDT, 2006).



Figura 33: Planta Baixa do Ed. Mary – estar/jantar integrados  
 Fonte: Enio Stumpf, 2007.



Figura 34: Planta Baixa do Ed. Caberlon – estar/jantar integrados  
 Fonte: Enio Stumpf, 2007.

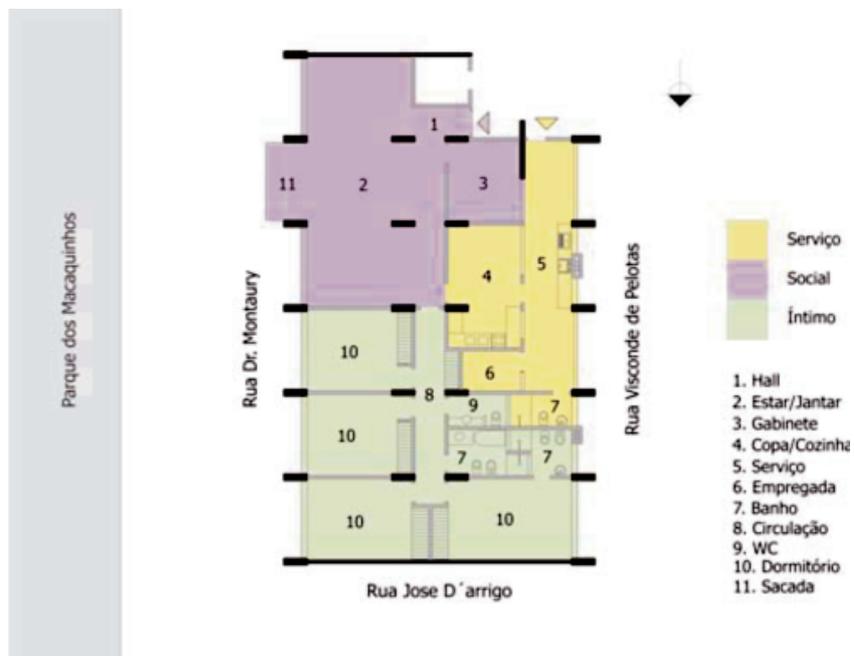


Figura 35: Planta Baixa do Ed. Parque do Sol – estar/jantar integrados  
 Fonte: Andréa Arenhardt, 2006.

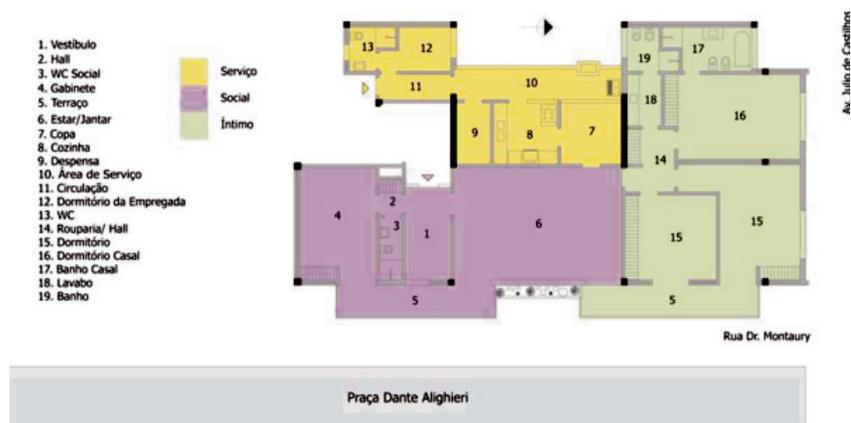
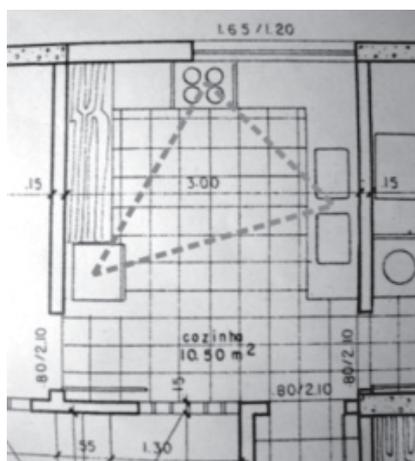
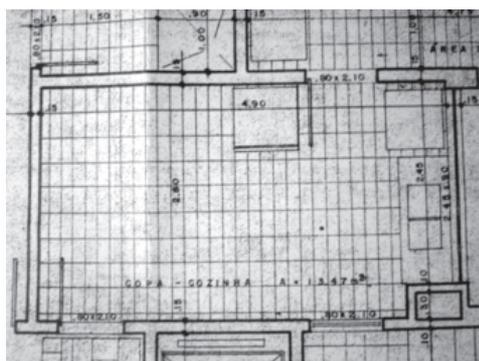


Figura 36: Planta Baixa do Ed. Solaris – estar/jantar integrados  
 Fonte: Andréa Arenhardt, 2006.

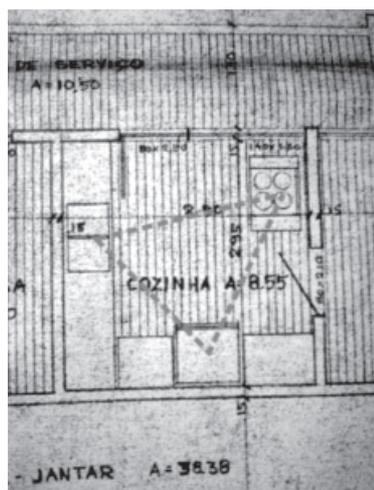




**Figura 38:** Cozinha no Ed. APLUB Caxias  
*Fonte:* Andréa Arenhardt, 2006.



**Figura 39:** Cozinha no Ed. Avenida  
*Fonte:* Andréa Arenhardt, 2006.



**Figura 40:** Cozinha no Ed. Solaris  
*Fonte:* Andréa Arenhardt, 2006.

Ainda, por estar relacionada à nova classe operária feminina, deve ser analisada a oferta das *dependências de empregada e das despensas*. As dependências de empregada, solução recorrente no Brasil, não são comuns na região, talvez por falta de uma cultura escravagista, assumindo a mulher uma jornada dupla de trabalho. Contudo, observa-se que a sua oferta também pode estar relacionada com o poder aquisitivo dos proprietários.

Já as despensas, gradativamente, vão deixando de existir nos apartamentos, como em 72% dos apartamentos *art déco* em Caxias do Sul. (STUMPF, 2007) (figura 41). O quadro é similar àquele observado no Brasil, devido ao fortalecimento do comércio urbano e devido à introdução da geladeira nas casas, principalmente na década de 40. (VERISSIMO; BITTAR, 1999).

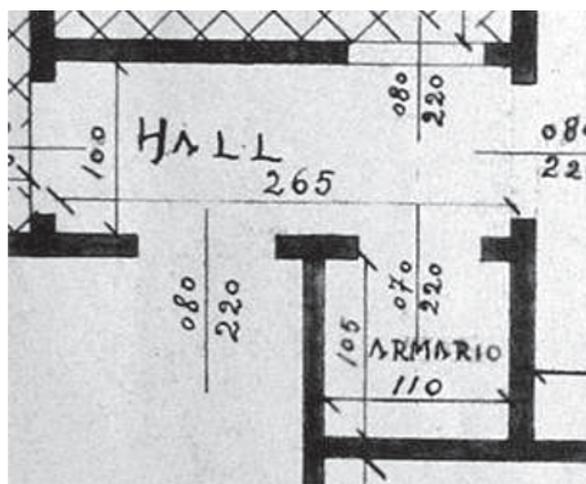
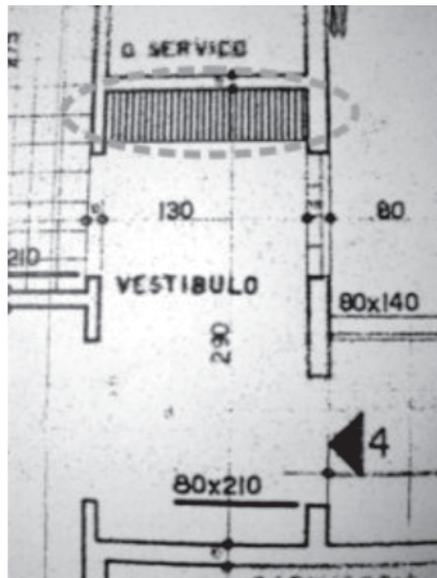


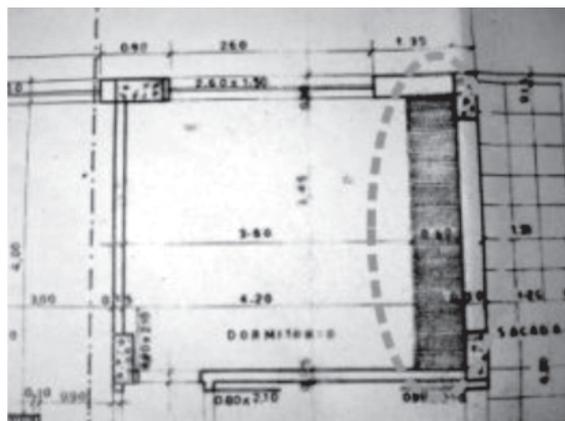
Figura 41: Armário de corredor no Ed. Bereta  
Fonte: Enio Stumpf, 2007.

Com o desaparecimento das despensas, os *armários* passaram a ter uma função importante nos espaços, assumindo a função do *guardar*. Sua definição e disposição permitem compartimentar e/ou integrar ambientes, otimizar lógicas distributivas e organizar a casa. Nesse contexto, Lira (2002) e Folz (2003) destacam os esforços dos arquitetos modernos para que o projeto da unidade habitacional fosse resolvido na escala dos móveis.

A partir daí, esses mobiliários passaram a ser recorrentes nos quartos, nos corredores (rouparia), nas cozinhas e nos banheiros (figuras 42 e 43), como em 49% dos apartamentos modernistas analisados em Caxias do Sul. (ARENHARDT, 2006).



**Figura 42:** Vestíbulo mobiliado do Ed. Paraíso  
*Fonte:* Andréa Arenhardt, 2006.



**Figura 43:** Dormitório mobiliado no Ed. Medianeira  
*Fonte:* Andréa Arenhardt, 2006.

Por fim, observa-se que a maioria dos apartamentos das décadas de 40 e 50, apesar de já apresentarem uma clara *setorização*, conforme discutido, possuem ainda o setor social como um articulador dos espaços<sup>3</sup> (figura 44), prejudicando o funcionamento da “máquina de morar”. Para uma maior eficiência, os arquitetos modernistas deveriam prever circulação, *hall* ou corredor, com a função exclusiva de interligar e, ao mesmo tempo, de dar autonomia a setores especializados – íntimo, social e serviço. Já entre as décadas de 50 e 70, são poucos os apartamentos com interferência de fluxo entre os setores (figura 45), configurando apenas 12,5% dos casos estudados. (ARENHARDT, 2006).

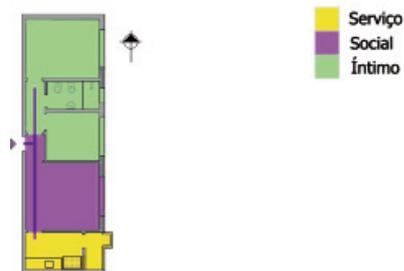


Figura 44: Planta baixa dos fluxos do Ed. Paraíso  
 Fonte: Andréa Arenhardt, 2006.

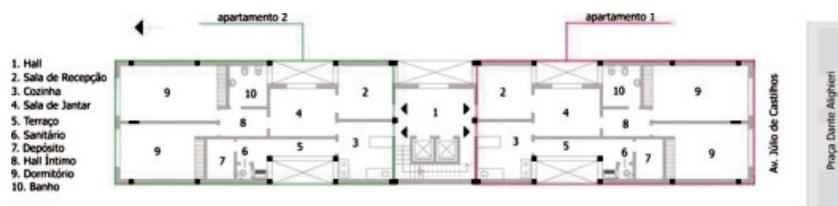


Figura 45: Planta baixa dos fluxos do Ed. Ettore Lazzarotto

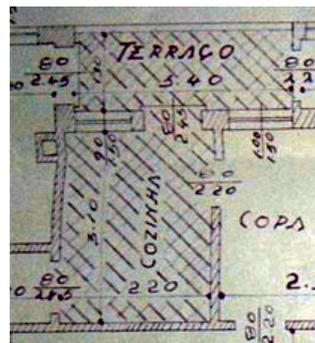
### Espaço sanitário

Com relação à casa como *espaço sanitário*, observa-se que limitações urbanas não permitiram a implantação de edifícios residenciais isolados em lotes amplos, conforme os preceitos modernos, tendo que se adaptar a uma malha urbana tradicional, com lotes pequenos. Mesmo assim, as soluções já se apresentam plenamente comprometidas com a intenção de *ventilar os ambientes* e, conseqüentemente, de torná-los salubres. Quando as aberturas não estão voltadas para o espaço externo, registra-se a ocorrência de aberturas para fossos de ventilação (figura 46) ou ocorrendo de modo indireto, através

de um ambiente intermediário (figuras 47 e 48). Esse quadro aproxima o caso caxiense daquele discutido por Rosetto (2002), que observa a recorrência de apartamentos brasileiros em que, lateralmente, de forma a garantir a ventilação e iluminação de todos os ambientes, ocorrem fossos de ventilação.



**Figura 46:** Ambientes ventilados pelo poço de ventilação no Ed. Auto João Muratore  
*Fonte:* Andréa Arenhardt, 2006.



**Figura 47:** Cozinha ventilada pelo terraço no Ed. Mary  
*Fonte:* Enio Stumpf, 2007.



**Figura 48:** Ambientes ventilados pelo serviço no Ed. Parque do Sol  
*Fonte:* Andréa Arenhardt, 2006.

Os *banheiros*, nesse contexto, refletem a preocupação com o novo conceito salubre de morar, uma vez que ganharam importância a partir da incorporação de hábitos de higiene e asseio corporal nos meados do século XX. Contraditoriamente, ao mesmo tempo que a compactação desses ambientes é vista como uma economia de meios, eles podem se apresentar como grandes salas de banho (figuras 49 e 50), um espaço voltado ao culto do corpo e à higienização do *homem moderno*. No caso de Caxias do Sul, o banheiro grande dos apartamentos *art déco* parecem resultar mais da dificuldade dos projetistas em arranjar os novos equipamentos hidráulicos, do que oferecer *salas de banho*. Nas décadas de 1950 a 70,<sup>4</sup> os banhos compactos serão numericamente mais expressivos nos apartamentos, como se pode observar nas figuras 52 e 53.

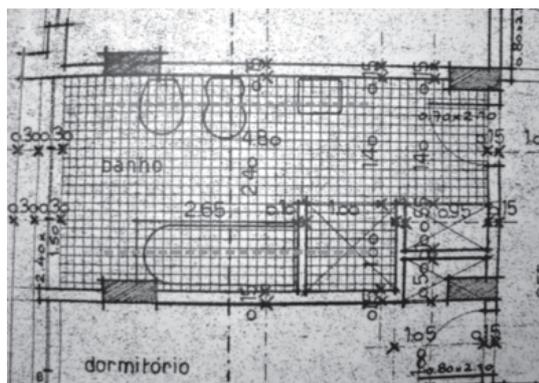


Figura 49: Banheiro no Ed. Dona Ercília  
Fonte: Andréa Arenhardt, 2006.

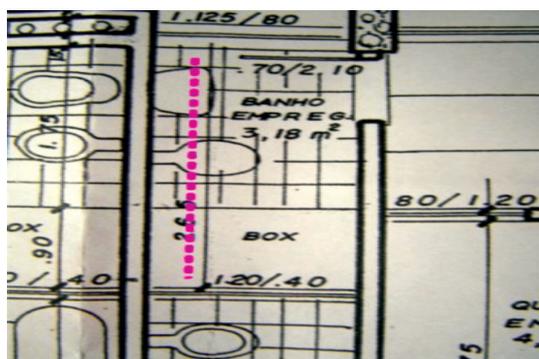


Figura 50: Banheiro no Ed. Caberlon  
Fonte: Enio Stumpf, 2007.

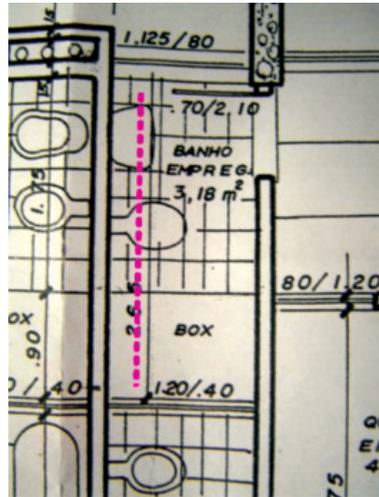


Figura 51: Banheiro no Ed. Parque do Sol  
 Fonte: Andréa Arenhardt, 2006.

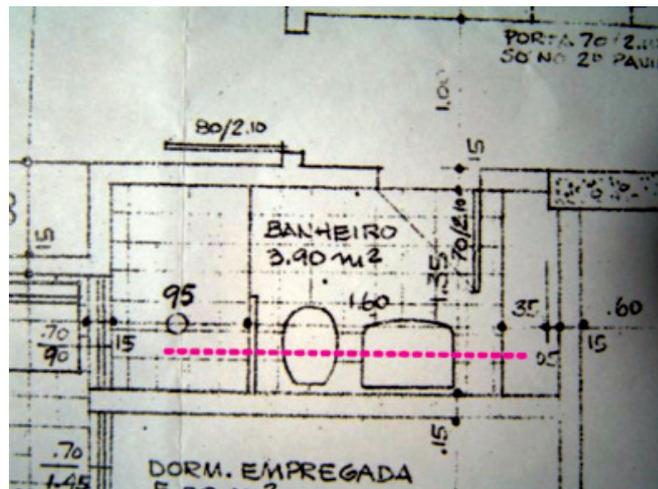


Figura 52: Banheiro no Ed. APLUB Caxias  
 Fonte: Andréa Arenhardt, 2006.

## Considerações finais

A partir da análise do universo estudado, é possível afirmar que os edifícios *art déco* das décadas de 40 e 50 expressam uma certa *transição* entre o modo de viver estabelecido nas *casas isoladas* e os *edifícios de apartamentos modernistas*, que já incorporam alguns dos cânones internacionais.

Os pequenos edifícios construídos nas décadas de 40 e 50 são ainda concebidos de maneira tradicional, como “casas empilhadas”, o que aproxima o universo caxiense do universo brasileiro, conforme discutido por Lemos (1996). Neles, gradativamente, dos usuários é exigido que abandonem as referências de suas *casas da infância*: não mais a relação com o quintal, com a horta, com os animais; não mais a *entrada da frente* e a *entrada dos fundos*, aonde a visita sempre chegava, ocupando a ampla cozinha com conversas soltas ao redor da mesa; nem mesmo amplos quartos, onde os inúmeros filhos se empilhavam.

Os quartos, que antigamente se voltavam diretamente às salas, começam a configurar um *núcleo independente*, um setor íntimo, onde as meninas podem se despir sem constrangimentos provocados pelos olhares pelos masculinos nas salas. Ali, meninas e meninos estão distribuídos em pequenos quartos separados, e o quarto do pai e da mãe ainda se debruça sobre a rua, de onde o pai faz a guarda da família.

O único banheiro, lembrando a “casa da nona”, está disposto como *edícula* nos *fundos* do apartamento, junto com a cozinha e a área de serviço. A solução, que garante a economia nas instalações hidráulicas ainda não proporciona a privacidade dos pais, que não reclamam por *suites*, nem por *lavabos*. Ter banho no corpo da casa para muitos já é um luxo, uma vez que cresceram em casas onde o banheiro era, muitas vezes, uma “casinha” no pátio.

A sala de estar, por onde a visita chega, é pequena, com um balcãozinho que a conecta à rua. Por ali, transita todo mundo, por aonde quer que se vá: aos quartos e à cozinha. Então, bom mesmo é ir para a cozinha, onde ficava a mesa no centro, tendo ao seu redor a pia, o fogão à lenha e a recém-chegada geladeira. Às vezes, tinha uma sala de jantar, ou uma copa, mas ainda era um hábito estranho, pois não proporcionava as delícias das conversas ao redor da mesa, enquanto a mãe preparava a massa para o almoço, antes de ir para o trabalho de meio turno.

Antes de sair, se não chover, abrem-se as janelas, deixa-se o ar entrar pela casa. Não são poupados nem mesmo os *vitraux* do banheiro e da

área de serviço, onde a roupa, lavada no tanque de cimento, fica para secar, lembrando o quanto era bom o pátio da casa antiga, onde a roupa era disposta livremente.

Assim, nesses apartamentos, alguns valores tradicionais do morar são rompidos ou hibridizados, e outros, como indicava a *moda* do momento, iam sendo assimilados. É importante a privacidade e a salubridade, mas, em certo grau, esses valores ainda são subalternos da economia, que impede o homem de sentir-se plenamente *moderno*. A cozinha ainda é o “santuário doméstico”, pouco importando os apelos para se tornar um laboratório da “máquina de morar”.

Contudo, na década de 50, Caxias do Sul se moderniza e verticaliza. “Morar nas alturas” já confere algum *status* aos proprietários, que se espelham nos apartamentos dos grandes centros para compor um modo de morar que traduza a sua *prosperidade e modernidade*.

Agora, todos os quartos aparecem dispostos em um setor íntimo claramente definido, onde sempre há, pelo menos, um banheiro, às vezes, uma verdadeira *sala de banho*, onde é cultuada a higiene do corpo. Com essa significativa mudança, a família pode transitar livremente, após o banho diário, até os quartos, longe dos olhares curiosos de eventuais visitas ou empregados. Alguns apartamentos já dispõem de uma luxuosa suíte, onde o casal tem privacidade para se despir ou para “promiscuidades sexuais”, longe dos olhares inocentes de seus filhos.

Os empregados, por sua vez, usam o pequeno banheiro do setor de serviços. Esse também é usado por algumas visitas, uma vez que o lavabo próximo da sala ainda é um luxo para poucos. São banheiros bastante compactos e racionais, considerados como secundários. Secundária é também a entrada de serviço; por ali, a empregada entra e sai discretamente, sem interromper o convívio familiar.

A sala de estar é bastante ampla, muitas vezes até integrada com a sala de jantar, através de uma parede vazada, um balcão, ou portas de correr. É ali onde acontece o momento de lazer da família, onde ela se encontra, onde as crianças brincam, o pai lê o jornal, e a mãe assiste à televisão. Dali, todos podem também desfrutar do contato com o ambiente externo, através da sacada, pois, apesar da grande altura dos edifícios, ainda é possível alguma relação com a rua, a cidade, o céu...

Com esse grande *living room*, a cozinha começa a diminuir o seu tamanho, incorporando um pouco o papel de “laboratório” aonde o alimento é preparado. Contudo, não deixa de ser o tradicional ambiente de convivência, mas se trata, agora, de uma convivência organizada,

estando os equipamentos – pia, fogão a gás e geladeira – dispostos de modo coordenado e sem o *estorvo* da mesa no meio. Essa ocupa um canto, que configura uma pequena *copa*, aonde a família faz as refeições, enquanto a mãe ou a empregada agilmente opera os eletrodomésticos e guarda objetos em armários embutidos.

Os armários também estão nos quartos, corredores e até em banheiros, onde os pertences da família são organizados. São pequenas *despensas* especializadas ao uso que o ambiente impõe, facilitando o trabalho doméstico e eliminando os deslocamentos até a antiga despensa, ou depósito, que desaparece.

Em sua maioria, os apartamentos modernistas apresentam uma área bastante generosa, não são compactos, mas são eficientes em sua lógica distributiva. Provavelmente, esse tipo de apartamento foi projetado para famílias mais abastadas, que desfrutavam do conforto oferecido pela diversidade de ambientes e pelas amplas peças. Porém, também já são encontrados apartamentos bem mais compactos, com dois dormitórios ou até mesmo as *kitinetes*, demonstrando a tentativa de implantar a moradia moderna para uma população de menor poder aquisitivo.

Assim, sinteticamente, pode-se observar que algumas características do espaço de morar moderno são identificadas nos exemplares, que, simultaneamente, preservam valores tradicionais da arquitetura local. Longe de ter havido um movimento de aceitação uniforme dos valores do *habitat* moderno, pode-se observar uma aceitação gradativa, uma adaptação ou hibridização dos valores preconizados internacionalmente.

Portanto, tem-se apenas um certo grau de modernidade nos exemplares estudados, se comparados aos contextos nacional e internacional. Contudo, pode-se registrar uma significativa transformação em relação à *casa da infância*, em relação à *casa tradicional regional*, configurando o apartamento na cidade uma verdadeira modernização do morar.

## Notas

---

<sup>1</sup> No livro de Correa, é discutido o conceito *Estojo do homem privado*, desenvolvido a partir da capacidade dos interiores de falarem dos indivíduos que ali habitam, de traduzirem o espírito do *dono da casa*. Na pesquisa, por não se conhecer o perfil do *dono da casa*, foi tratado somente o conceito *privacidade*.

<sup>2</sup> Um total de 100% dos apartamentos *art déco* das décadas de 40 e 50, em Caxias do Sul, não possuem banheiro de uso exclusivo para o setor íntimo.

<sup>3</sup> Nos apartamentos, são registrados quatro tipos diferentes de zoneamento: (1) com acessos aos apartamentos pelos setores social e de serviço, proporcionando autonomia aos setores – condição defendida pelos modernistas; (2) com os acessos aos apartamentos através da zona social, fazendo com que a circulação de serviços se

realizasse através da sala; (3) o setor social é o articulador e o centralizador das demais zonas, servindo de circulação entre os setores íntimo e de serviço; e (4) apresenta problemas relativo ao cruzamento de funções e circulações.

<sup>4</sup> Foram registrados quatro principais tipos de banheiro, em relação ao mobiliário e à sua disposição: (1) banheiros grandes com separação da área do chuveiro por uma parede e disposição do mobiliário em paralelo ou em U; (2) banheiros muito grandes, com áreas separadas para o chuveiro, banheira e mobiliário embutido, estando também dispostos em paralelo ou em U; (3) banheiros menores, sem separação do chuveiro, nem bidê, e mobiliário disposto em uma linha; (4) lavabos, que apresentam tamanhos bastante reduzidos. A maioria dos modelos, das décadas de 60, localiza-se no setor social.

## Referências

---

- ARENHARDT, Andréa. *A modernidade nos edifícios de apartamentos em Caxias do Sul*. 2006. Monografia (Disciplina Laboratório de Arquitetura e Urbanismo) – UCS, Caxias do Sul, 2006.
- CORREA, Telma de Barros. *A construção do habitat moderno no Brasil 1870-1950*. São Carlos: Ed. RiMa, 2004.
- FOLZ, Rosana Rita. *Mobiliário na habitação popular: Discussão de alternativas para melhoria da habitabilidade*. São Carlos: Ed. RiMa, 2003.
- LEMOS, Carlos. *História da casa brasileira*. São Paulo: Contexto, 1996.
- LIRA, José Tavares Correia de. Modernidade e economia do morar no Recife (1930-1964). In: SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de (Org.). *A promoção privada de habitação econômica e a arquitetura moderna 1930-1964*. São Carlos: Ed. RiMa, 2002.
- LOUREIRO, Claudia; AMORIN, Luiz. *Diz-me teu nome, tua altura e onde moras e te direi quem és: estratégias de marketing e a criação da casa ideal – parte 1*. Arqutextos Vitruvius – texto especial, 28/03/05. Disponível em: [www.vitruvius.com.br](http://www.vitruvius.com.br). Acesso em: 30 mar. 08.
- MACHADO, Maria Abel. *Construindo uma cidade: história de Caxias do Sul – 1875/1950*. Caxias do Sul: Maneco, 2001.
- PRODI, Fabrizio Rossi. *Franco Albini*. Roma: Officina Edizione, 1996.
- ROSSETTO, Rosella. Arquitetura moderna e tipologias de mercado: uma primeira classificação. In: SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de (Org.). *A promoção privada de habitação econômica e a arquitetura moderna 1930-1964*. São Carlos: Ed. RiMa, 2002.
- SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de (Org.). *A promoção privada de habitação econômica e a Arquitetura moderna 1930-1964*. São Carlos: Ed. RiMa, 2002.
- SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas do Brasil: 1900-1990*. São Paulo: Edusp, 1997.
- STUMPF, Enio. *Modernidade e cultura de morar nas edificações multifamiliares Art Déco de Caxias do Sul nas décadas de 1940-1950*. 2007. Monografia (Disciplina Laboratório de Arquitetura e Urbanismo) – UCS, Caxias do Sul, 2007.
- VERÍSSIMO, Francisco Salvador; BITTAR, William S. M. *500 anos da casa no Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- ZEVI, Bruno. *Saber ver a arquitetura*. 4. ed. São Paulo: M. Fontes, 2002.

Artigo recebido em 8 de abril de 2008. Aprovado em 26 de julho de 2008.